

La noción de experiencia en la sociología bourdieusiana: con y más allá de Bourdieu

A noção de experiência na sociologia bourdieusiana: com e para além de Bourdieu

The notion of experience in bourdieusian sociology: with and beyond Bourdieu

Wesley Daniel Bueno Moraes*

Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil

wesley.moraes@ufrgs.br

ORCID: 0000-0003-0269-7019

Citar como: Moraes, W.D.B. (2025). A noção de experiência na sociologia bourdieusiana: com e para além de Bourdieu. *Desde el Sur*, 17(3), e0060.

RESUMEN

Frente a los debates sobre la teoría de los campos de Pierre Bourdieu y a la crítica de que su consolidación limita la sociología al estudio de esos espacios, este artículo tiene como objetivo: a) demostrar que dicha formulación teórica y su programa investigativo no impidieron que Bourdieu propusiera otros enfoques de investigación; y b) evidenciar que las experiencias de los agentes constituyen un objeto pertinente para él. A través de una lectura interpretativa que articula la fundamentación conceptual del habitus y los libros *La miseria del mundo* y *Los herederos*, se destaca la potencialidad empírica de la noción de experiencia. A partir de ello, se fomenta la discusión de una perspectiva orientada al examen de esa dimensión de la práctica, al proponerla como una sociología bourdieusiana de la experiencia. La principal contribución del texto consiste en explorar las posibilidades analíticas de dicha noción, algo hasta ahora poco tematizado en los estudios sobre la obra del autor.

PALABRAS CLAVE

Teoría de los campos, habitus, puntos de vista, experiencia

* Autor corresponsal: Wesley Daniel Bueno Moraes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Brasil. Correo: wesley.moraes@ufrgs.br

RESUMO

Frente aos debates sobre a teoria dos campos de Pierre Bourdieu e à crítica de que sua consolidação limita a sociologia ao estudo desses espaços, este artigo objetiva: a) demonstrar que tal formulação teórica e seu programa investigativo não impedem Bourdieu de aventar outros enquadramentos de pesquisa; e b) evidenciar que as experiências dos agentes são um objeto pertinente para ele. Por meio de uma leitura interpretativa que articula a fundamentação conceitual do *habitus* e os livros *A miséria do mundo* e *Os herdeiros*, destaca-se a potencialidade empírica da noção de experiência. A partir disso, fomenta-se a discussão de uma perspectiva voltada ao exame dessa dimensão da prática, propondo-a como uma sociologia bourdieusiana da experiência. A principal contribuição do texto consiste em explorar as possibilidades analíticas dessa noção, algo até então pouco tematizado nos trabalhos acerca da obra do autor.

PALAVRAS-CHAVE

Teoria dos campos, *habitus*, pontos de vista, experiência

ABSTRACT

Amid debates on Pierre Bourdieu's field theory and the criticism that its consolidation restricts sociology to the study of such spaces, this article aims to: (a) demonstrate that this theoretical framework and its investigative program do not prevent Bourdieu from exploring alternative research approaches; and (b) show that agents' experiences constitute a relevant object for him. Through an interpretative reading that articulates the conceptual foundations of *habitus* with the books *The Weight of the World* and *The Inheritors*, the empirical potential of the notion of experience is emphasized. From this perspective, the discussion fosters an approach focused on examining this dimension of practice, proposing it as a Bourdieusian sociology of experience. The article's main contribution lies in exploring the analytical possibilities of this notion, an aspect that remains largely underexplored in studies on Bourdieu's work.

KEYWORDS

Field theory, *habitus*, points of view, experience

Introdução

A teoria dos campos de Pierre Bourdieu resulta de um processo gradual de teorização, fundamentado em suas investigações empíricas e na releitura da obra de Max Weber. Em uma etapa posterior de seu trabalho, ele estendeu as formulações ligadas ao conceito a múltiplas esferas. Nessa linha, o campo abrange as relações de força entre os agentes de determinados espaços, nos quais existem lógicas singulares que os envolvem em disputas simbólicas pela conservação ou transformação da hierarquia desses espaços, estruturados por capitais próprios que constituem tanto o recurso quanto o objetivo dessas lutas. Isso implica um modo de pensar relacional que coloca o campo como o centro das operações de pesquisa, estabelecendo um projeto sociológico voltado para apreender as relações (de concorrência, de solidariedade etc.) e o posicionamento de tais agentes. Ademais, enquanto perspectiva teórica, a emergência de espaços relativamente autônomos apresenta uma explicação sobre a diferenciação do mundo social. Porém, Bourdieu não finalizou essa teoria, deixando questões acerca das fronteiras dos campos e da sua decomposição por coações internas ou externas (Saint Martin, 2022).

A respeito dos limites do conceito, Juliana Miraldi (2022) discute as críticas de Pierre Macherey, Loïc Wacquant e Terry Eagleton, que enfatizam a ausência de uma homologia estrutural capaz de assegurar e esclarecer as formas pelas quais os campos se relacionam. Segundo a autora, ao analisar a teoria de Bourdieu é possível identificar ferramentas explicativas que dão conta desse questionamento. No caso, por serem definidos pela sua autonomia relativa, os campos são constituídos relacionalmente, possuindo graus distintos de refração dos fatores externos. Logo, as transformações de um espaço podem provocar mudanças na estrutura de outros, que retraduzem as determinações exteriores em demandas internas. Ainda, o caráter disposicional do *habitus*, marcado pelo trânsito em âmbitos variados, suscita princípios diversificados de ação que, pela prática, contêm o potencial de modificar o campo no qual o agente está situado. Miraldi também argumenta que os campos partilham um vínculo histórico com o Estado que, devido ao seu poder físico e simbólico acumulado, apresenta condições de influenciar as dinâmicas desses espaços.

Portanto, embora Bourdieu não tenha publicado em vida uma sistematização concernente ao problema da homologia estrutural, sua teoria oferece instrumentos eficazes para investigar a complexidade das dinâmicas sociais e dos fenômenos cujas causas se encontram sobredeterminadas em mais de um espaço, sendo uma abordagem

frutífera e potente para a sociologia (Miraldi, 2022). Em uma direção oposta, Bernard Lahire aponta que esse projeto científico, ao firmar o campo como o cerne da atividade de pesquisa, ignora a circulação dos agentes pelos demais contextos, reduzindo a agência ao pertencimento de um único espaço. Para o autor, a dependência conceitual entre *habitus* e campo impede a compreensão da multiplicidade de práticas existentes e de seus respectivos sentidos, de maneira que Bourdieu orienta sua perspectiva ao exame dessas esferas, o que «nos limita [...] ao espaço de posições, estratégias dos agentes inseridos em lutas, relações de força e dominação, estruturas desiguais de distribuição de capitais específicos» (Lahire, 2017, p. 60).

Essa crítica à teoria dos campos não intui anular suas contribuições, mas tensionar os pontos que ela negligencia, argumentando que sua consolidação está associada a uma postura sociológica que reduz o mundo social ao campo (Lahire, 2017). Frente ao exposto, este artigo tem dois objetivos articulados: a) demonstrar que essa formulação teórica e seu programa investigativo não impedem Bourdieu de aventar outros enquadramentos, mediante a consideração dos fundamentos do conceito de *habitus* e da proposta de *A miséria do mundo*, obra coletiva publicada pelo autor em 1993; e b) evidenciar que as experiências dos agentes são objetos pertinentes para ele. Por consequência de a noção de experiência integrar a conceituação do *habitus*, ela aparece indiretamente em diferentes debates críticos sobre a sociologia bourdieusiana – como no trabalho de Nogueira e Resende (2022), que revisa a tese da causalidade do provável tangente ao ajustamento das práticas com as regularidades objetivas; no de Alves (2016), que analisa comparativamente os avanços e limites da teoria da ação do autor e de Lahire; e no de Peters (2013), que discute o neo-objetivismo presente em Bourdieu dado sua ênfase no caráter pré-reflexivo da prática em detrimento da reflexividade dos agentes.

Então, com um enfoque inabitual, busca-se colocar essa noção no centro do debate, ressaltando sua potencialidade empírica. Para tanto, propõe-se um diálogo entre o livro de 1993, que valoriza a pluralidade dos pontos de vista coexistentes, e *Os herdeiros*, publicação de 1964 na qual Bourdieu e Passeron constatam que as experiências da condição estudantil variam de acordo com a origem social dos alunos. A partir disso, fomenta-se a discussão de uma sociologia bourdieusiana da experiência, composta por uma agenda distinta daquela orientada ao exame dos campos, e segmentada em duas vias: a primeira, definida enquanto um caminho «com» Bourdieu, segue o projeto de *A miséria do mundo*; e a segunda, sugerida como uma opção «para além» dele, apoia-se em ambos

os livros almejando formular um enquadramento alternativo de pesquisa. Ao caracterizá-las de tal forma, este artigo se alinha com as leituras que problematizam o referencial bourdieusiano (Corcuff, 2003, 2017; Brandão, 2010; Fabiani, 2016), por intermédio de uma atitude que explora suas delimitações teórico-metodológicas e/ou lacunas identificadas para ampliar seus horizontes de utilização, colaborando com novas (re) interpretações dos escritos de Bourdieu. Doravante as ideias deste texto são desenvolvidas gradualmente, a começar por uma elucidação do prisma sociológico do autor, mobilizando as aulas ministradas por ele no *Collège de France* e editadas, após sua morte, como os volumes 2 e 4 da coletânea *Sociologia geral* (Bourdieu, 2021, 2023), referentes aos anos de 1982/1983 e de 1985, nos quais seus conceitos são apresentados como parte de um modelo próprio.

1. A sociologia geral de Pierre Bourdieu

Os conceitos científicos exercem a função de materializar uma postura teórica, demarcando posições particulares em um espaço de abordagens concorrentes. A teoria é uma palavra de ordem que designa esquemas de construção científica da realidade, e os conceitos de uma vertente possuem origem epistemológica e finalidades específicas. Esse entendimento embasa a escolha bourdieusiana pela noção de «agente» para tratar da prática humana, enxergando as pessoas na condição de seres passíveis à ação, produtoras de intenções significativas que não necessitam de um fim explícito para a realização. Assim, o *habitus* é definido como uma solução oposta à dicotomia entre subjetivismo e objetivismo, sendo pautado por uma relação dialética de incorporação da objetividade do mundo social (de suas regularidades) que é gradualmente transformada em esquemas disposicionais, ou seja, estruturas de percepção, pensamento e ação. Esse movimento faz parecer que as condutas foram engendradas e ajustadas conscientemente em referência às regularidades vividas, mas na verdade resultam do acúmulo de um conhecimento (um senso prático) que é o produto da experiência constituída socialmente, colocando o agente na qualidade de um componente do mundo, caracterizado pela imersão em lógicas singulares, em jogos sociais, nas quais está engajado, agindo sem ter que interrogar por que agir (Bourdieu, 2021).

Esses jogos envolvem os agentes dispostos a se envolver, aqueles possuidores de uma paixão que é a base do interesse em ver o que os outros não veem, em fazer algo que, para quem não é interessado, pode ser visto como ilusório ou uma perda de tempo. Os jogadores são, eles mesmos, constitutivos do jogo, integrados por um objetivo de crença e pelo reconhecimento no valor da dinâmica jogada. Logo, investir é

interessar-se – um efeito daquilo que podemos chamar de *illusio*, o fator necessário para agir em um determinado espaço. Simultaneamente, o senso desse jogo é adquirido mediante o contato contínuo com as estruturas do mundo e as probabilidades objetivas, as quais são convertidas em esperanças subjetivas, dispensando cálculos de ajuste, pois é a experiência, disposta no e pelo *habitus*, que torna as pessoas ajustadas objetivamente. Contudo, tal funcionamento não representa uma lei universal, porquanto a prática corresponde ao contexto de operação (Bourdieu, 2021).

Enfatizar que as esperanças são ajustadas às chances é ressaltar que as estruturas cognitivas tendem a se ajustar às estruturas sociais, uma vez que, em parte, os esquemas mentais são o produto da incorporação da objetividade do campo, gerando uma consonância que está no princípio do universo da *doxa*, ou melhor dizendo, de tudo aquilo que é autoevidente, que não precisa ser discutido. O campo como definição de um *locus* de jogo é antes uma perspectiva que propõe a existência de espaços onde são exercidas forças invisíveis sobre os seus ingressantes, os quais são retratados pela posição ocupada em uma estrutura de distribuição de propriedades particulares (os capitais). É a partir disso que conseguimos falar propriamente de um campo de lutas, o espaço, dotado de sentido, no qual «se desenrolam ações orientadas por intenções conservadoras ou subversivas que buscam conservar ou transformar o estado da relação de força» (Bourdieu, 2021, p. 271).

A noção de campo é antes de tudo um pensamento estrutural, uma abordagem que suscita a análise do espaço das relações objetivas – as quais são irredutíveis às interações físicas ou simbólicas, já que as ações dos agentes possuem um princípio que não reside nessas interações pontuais, mas sim na estrutura das relações constitutivas do campo. Desse modo, o conceito impõe a necessidade de encontrar posições permanentes, como, por exemplo, pela observação das instâncias de consagração: «uma posição construída passível de ser compreendida através das propriedades de seus ocupantes se caracteriza pelo que ela faz com os outros, mesmo que os outros não estejam agindo nela» (Bourdieu, 2021, p. 309), posto que as pessoas são «separadas por uma diferença objetiva que existe sob a forma de um sistema de sanções sociais e distâncias sociais, mensuráveis com indicadores» (Bourdieu, 2021, p. 313), tais quais os de diferenças salariais, de carreira etc. Então:

a análise dos *situs* que é a sociologia, quer dizer, a análise topológica desse espaço, implica ao mesmo tempo a análise das posições e a análise das representações que os agentes têm de suas posições e das outras posições e, simultaneamente, a análise das tomadas de

posição que em função de suas representações, de suas posições e de suas disposições os agentes terão sobre esse espaço, nesse espaço, sob a forma de ações (Bourdieu, 2021, p. 321).

É em vista disso que Bourdieu firmou a sua abordagem teórica geral nos termos de abrangente/total, preocupando-se com os variados fatores que fundamentam a ação dos agentes – o que inclui tratar do histórico e da configuração momentânea do objeto em questão. Frente a essa acepção que o *Homo academicus*, publicado em 1984, foi construído, oferecendo um modelo para pesquisar os campos universitários (Saint Martin, 2022), não é por coincidência que as orientações ministradas no curso de sociologia geral, em 1982/1983, a utilizavam como ensinamento. Nessas aulas, Bourdieu (2021, p. 212-215) esclarecia o pensamento estrutural ao mencionar que o campo acadêmico é dividido em disciplinas hierarquizadas, correspondendo a uma hierarquia de prestígio acadêmico e a uma hierarquia das origens sociais dos estudantes e dos professores, inseridos na luta das cátedras pela dominação do espaço universitário.

Na publicação de 1984, nota-se que as instruções teórico-metodológicas anteriores resultaram em uma obra que apresenta o campo universitário francês por meio da disputa entre visões opostas da prática científica, de duas formas acadêmicas que são historicamente situadas em funções sociais do uso do conhecimento e diferentemente dependentes do campo de poder, o que implica graus de autonomia distintos que impactam a produção e reprodução do saber. Entretanto, a concorrência entre visões vai para além do conflito das faculdades/disciplinas, havendo uma outra oposição associada propriamente aos critérios internos do sucesso no espaço acadêmico, gerando diferenças na realização da carreira que também remetem às origens sociais dos agentes. Nisso, tal campo encontra-se organizado por dois preceitos de hierarquização: o social, relativo ao capital herdado e ao capital econômico e político, e o «propriamente cultural, segundo o capital de autoridade científica» (Bourdieu, [1984] 2019, p. 78).

Dessarte, nos referimos a duas espécies de poderes: o universitário (originado pelo acúmulo de posições) e o científico (fundado no prestígio recebido pela atividade de pesquisa), que tendem a se impor em ambos os polos do espaço – tanto nas faculdades cientificamente quanto nas temporalmente dominantes. Mais especificamente, discorreremos acerca de uma distribuição de capitais evidenciada pelo trabalho de codificação científica de uma população a partir da construção de categorias embasadas em indicadores objetivos, como, por exemplo, a presença em instâncias burocráticas da universidade (poder universitário) ou a

participação no Centre National de la Recherche Scientifique (poder científico) (Bourdieu, [1984] 2019, p. 106). Em suma:

Poder-se-ia assim observar e descrever [...] as relações entre a estrutura do espaço das posições constitutivas desse campo e as lutas visando manter ou subverter esta estrutura, isto é, entre a classificação «objetiva», constituída tomando-se por critério o conjunto das propriedades postas em jogo no campo, e a luta pelas classificações que visa conservar ou transformar essa classificação conservando ou transformando a hierarquia dos critérios de classificação (Bourdieu, [1984] 2019, p. 104).

Por intermédio disso, Bourdieu ([1984] 2019) identificou correspondências entre as posições ocupadas e os posicionamentos tocantes às manifestações de Maio de 1968, quanto às políticas de gestão universitária e às formas de reprodução do corpo docente em um contexto de crescimento morfológico do público universitário¹. Em outras palavras, examinou-se a ligação da objetividade do espaço com a dimensão da prática dos agentes, cujas respectivas percepções do mundo social são princípios de visão estruturados, ou seja, princípios de divisão incorporados – temática que foi aprofundada nas aulas lecionadas no Collège de France em 1985, ano posterior ao lançamento do *Homo academicus*.

Nessa direção, o autor sinaliza que, embora as pessoas produzam um ponto de vista, elas estão antes situadas em uma estrutura que atua na produção de suas representações, por consequência de que o espaço objetivo, definido por oposições inerentes à ordem social, fundamenta os pontos de vista ao mesmo tempo que é um objeto deles. O agente, na qualidade de produto histórico, é equipado com categorias de percepção: «aquilo que chamamos de discernimento é a posse de [...] estruturas diacríticas ajustadas às estruturas objetivas de modo a fazermos o que é preciso fazer sem nos perguntarmos nada» (Bourdieu, 2023, p. 112). A percepção discerne o que é interessante ao anular a indiferença sobre algo, sendo uma condição para a aquisição da visão legítima de um jogo. Dessa maneira, Bourdieu (2023, p. 311) aborda o mundo social como um objeto de conhecimento das práticas, integrando o cognitivo e o político: «enquanto instrumentos estruturados de conhecimento e de comunicação que os sistemas simbólicos, por exemplo os sistemas

1 A técnica estatística utilizada pelo autor era a Análise de Correspondência Múltipla, defendida como ideal para uma abordagem relacional do espaço social. O seu uso nas pesquisas de Bourdieu é elucidado por Lebaron (2009).

de classificação [...] ou as classes sociais, cumprem sua função política de instrumento de imposição e legitimação da dominação».

Os atos de conhecimento reconhecem o arbitrário dominante porque ele está depositado na realidade objetiva que é incorporada como princípio de visão. A coerência das estruturas de percepção com as estruturas do mundo naturaliza a dominação, baseada em um poder simbólico exercido com a cumplicidade dos dominados, pois o real é uma visão estabelecida como universal, assumindo a condição de absoluta. Tal perspectiva não encerra a possibilidade de transformação, no caso, à medida em que as sociedades se complexificam e os campos se multiplicam, emergem disputas, «e os diferentes agentes se engajam [...] na luta para impor a visão do mundo social mais conforme a seus interesses, para absolutizar, para universalizar seus interesses» (Bourdieu, 2023, p. 313). Isto posto, verifica-se na sociologia de Bourdieu a proposição de um projeto científico acerca das dinâmicas de poder e da reprodução dos campos, orientado ao exame da relação entre posições e disposições a partir do trabalho de construção do espaço e de seus princípios de estruturação. Esse programa não impediu Bourdieu de aventar outros enquadramentos de pesquisa, porquanto a teoria dos campos é indissociável dos fundamentos do conceito de *habitus*, definido pela sua abertura ao mundo.

2. O *habitus* e sua abertura ao mundo

O *habitus*, por ser o social incorporado, é caracterizado como transindividual. Logo, entende-se que pessoas inseridas em contextos de socialização similares estarão expostas aos mesmos condicionamentos sociais, resultando em *habitus* homogêneos. Apesar de jamais serem iguais, visto que as experiências nunca serão vividas de modo idêntico, é possível tratar da existência de classes de *habitus* e *habitus* de classe (Bourdieu, 2021). Isso significa que o *habitus* individual exprime uma diversidade na homogeneidade relacionada às suas condições sociais de produção, constituindo-se como uma variante estrutural do *habitus* de classe, o qual é o resultado da homogeneidade de certas condições de existência. A classe social, implicando situações e experiências que são mais prováveis a um determinado grupo do que a qualquer outro, reúne sistemas de disposições homólogos. Nisso, é a singularidade característica de cada trajetória social que garante a diferença entre os *habitus* individuais agrupados. Por sua vez, o «*habitus* que [...] estrutura em função das estruturas produzidas pelas experiências anteriores as experiências novas [...], realiza uma integração única, dominada pelas primeiras experiências, [...] estatisticamente comuns aos membros de uma mesma classe» (Bourdieu, 2013, p. 100).

Com a palavra *experiência*, Bourdieu (2021) se aproximava de uma das ideias utilizadas por Husserl para pensar o relacionamento humano com o mundo, na qual ela é o produto de uma confrontação quase que experimental com a vida, referindo-se também à própria situação de aquisição da habitualidade, aquilo que permite uma segurança nas decisões e nas ações cotidianas; em síntese, quem experimenta se torna experimentado². É frente a esse sentido que o autor explica o ajustamento do *habitus*, a chamada «causalidade do provável»:

os processos de socialização, aquilo que Husserl chama de experiência, aquilo que se adquire pelo encontro repetido com um mundo social estruturado segundo uma certa lógica, ou seja, aquela espécie de disposição a antecipar o que vai acontecer e a esperar o que vai acontecer, e também de contribuir para fazer acontecer ao se esperar que vá acontecer, resumindo, essa disposição a «chegar antes», a antecipar o provável, se adquire pelo encontro permanente com um mundo estruturado, definido por uma certa estrutura de probabilidades objetivas (Bourdieu, 2021, p. 166-167).

Ao enfatizar as probabilidades, Bourdieu postulava que a socialização possui um princípio fundamental, o da «necessidade transformada em virtude», que diz respeito à renúncia ao impossível, à rasura das aspirações improváveis, cuja distância relativa à necessidade é um fator determinante para satisfazer um desejo ou deixar de desejar, independente de cálculos, mas reforçada por sanções objetivas e ritos de instituição – lógica que encontra no sistema de ensino «a grande instituição de reforço simbólico das sanções através das quais se engendra a experiência no sentido de adesão inconsciente às necessidades objetivas» (Bourdieu, 2021, p. 170). Concomitantemente, parte das disposições incorporadas pelo *habitus* decorre de um processo sem nenhuma intervenção humana, uma educação sem sujeito e baseada na experiência:

uma educação na qual os agentes fazem suas experiências e fazem sua experiência ao fazerem suas experiências. Essas experiências são aspirações desmesuradas que lançam ao fracasso. São experiências infelizes que obrigam a recuar, e uma das experiências sociais fundamentais [...] é essa experiência do desinvestimento progressivo que é mais ou menos feliz, mais ou menos infeliz (Bourdieu, 2021, p. 179-180).

2 Posteriormente ao curso de 1982/1983 (2021), Bourdieu ([1997] 2001) retoma a importância dessa ideia de Husserl na obra *Meditações Pascalianas*, especialmente entre as páginas 99 e 101.

Porém, a antecipação do provável, o ajuste perfeito das esperanças com as chances e a aparência autoevidente do mundo, representam mais um mecanismo de funcionamento do que um cenário frequente de correspondência absoluta. Em razão de que «os agentes sociais não são sempre o produto, em suas estruturas de percepção, das estruturas objetivas às quais aplicam essas estruturas de percepção», dessa forma, é possível haver um atraso entre o incorporado e as condições da ação, um efeito de *histerese* (Bourdieu, 2023, p. 39). Então, as disposições, por serem duráveis e possuírem uma certa inércia, podem implicar o descompasso do *habitus* com a situação objetiva do presente, engendrando práticas inadaptadas. Bourdieu ([1984] 2019, p. 216) também abarca o desajuste dos agentes pela noção de *allogoxia*, que, em alguns casos, «está inscrita no fato de que os esquemas que eles aplicam para perceber e apreender sua posição são o produto do estado anterior do sistema», levando-os a se reconhecerem erradamente. Em outros, a *allogoxia* «consiste em se reconhecer erroneamente numa forma particular de representação e de explicitação pública da *doxa*» (Bourdieu, [1997] 2001, p. 225). Ainda sobre essa perspectiva de operação do *habitus*, o autor aponta que:

a generalização do acesso à educação – com o conseqüente descompasso estrutural entre os títulos possuídos, logo as posições esperadas, e os cargos obtidos – e da insegurança profissional tende a multiplicar situações de desajuste, geradoras de tensões e frustrações. Encontram-se praticamente extintos os universos nos quais a coincidência quase perfeita, entre tendências objetivas e expectativas, converte a experiência do mundo num encadeamento contínuo de antecipações confirmadas. A falta de futuro, até agora reservada aos «danados da terra», é uma experiência cada vez mais difundida, senão modal (Bourdieu, [1997] 2001, p. 286).

Em vista disso, observa-se que, embora Bourdieu apresente o *habitus* ressaltando a sua capacidade de produzir práticas objetivamente ajustadas à estrutura do campo, ele não exclui os cenários de desajuste. Pelo contrário, a desorientação em relação ao futuro seria, na atualidade, uma experiência progressivamente mais frequente. Essa «incerteza que encontra seu fundamento objetivo na lógica probabilista das leis sociais basta para modificar não somente a experiência da prática, mas a própria prática» (Bourdieu, 2013, p. 167). Assim, aqueles que agem com incerteza, experimentando diferentes ameaças, passam a retratar o maior número de posicionamentos ocorrentes nos espaços e, se isso acontece, é porque o agente, ao ser disposto, está exposto, aberto às constâncias e inconstâncias da realidade objetiva:

Por meio de um jogo de palavras heideggeriano, poder-se-ia dizer

que a disposição é exposição. Justamente porque o corpo está (em graus diversos) exposto, posto em xeque, em perigo no mundo, confrontado ao risco da emoção, da ferida, do sofrimento, por vezes da morte, portanto obrigado a levar o mundo a sério (e nada mais sério do que a emoção, que atinge o âmago dos dispositivos orgânicos), ele está apto a adquirir disposições que constituem elas mesmas abertura ao mundo, isto é, às próprias estruturas do mundo social que constituem a forma incorporada (Bourdieu, [1997] 2001, p. 171).

3. Os pontos de vista e as experiências em confronto

Na obra de Bourdieu, identifica-se de um lado a consolidação de uma sociologia geral que, por intermédio dos conceitos de *habitus* e campo, estabelece que as ações/estratégias dos agentes são intrinsecamente ligadas à sua posição numa estrutura de distribuição de capitais, exigindo do trabalho sociológico múltiplas operações científicas para revelar o princípio das tomadas de posição. Do outro, há a consideração das disposições enquanto uma abertura para o mundo, colocando os corpos sob o risco constante do desajuste, da produção de práticas incertas. Contudo, essas facetas da teoria bourdieusiana não constituem oposições, mas sim formulações complementares de um sociólogo comprometido com o aprimoramento do seu próprio trabalho. Em *A miséria do mundo*, livro publicado nove anos após o *Homo academicus*, Bourdieu ([1993] 2012a) oferece, em colaboração com outros autores, um desdobramento de sua sociologia numa abordagem que permite pensar o espaço dos pontos de vista sem a necessidade de empreender a análise dos *situs*. Charles Soulié (2023), um dos colaboradores do livro, aponta que apesar desta pesquisa ter sido elaborada a partir de uma encomenda do governo francês, em 1989, para tratar do «mal-estar social» instaurado na sociedade francesa, Bourdieu já idealizava, anteriormente, um empreendimento cuja finalidade seria apreender os mal estares relativos à existência ordinária das pessoas, um tipo de «sociologia das profundezas» concernente aos impulsos e aspirações reprimidas.

Ainda consoante Soulié (2023), o projeto possuía, desde a sua origem, um forte objetivo político, almejando levar para o campo político os incômodos ignorados por aqueles que monopolizam esse espaço de decisão. Nesta pesquisa, Bourdieu ([1993] 2012a) apresenta o mesmo panorama epistemológico do modelo geral, mas com uma conduta metodológica diferente, distante dos procedimentos de codificação e próxima dos estudos de caso, focada em compreender a experiência daqueles que ocupam uma posição menos prestigiosa nos microcosmos sociais mediante a coleta de depoimentos orais a respeito de suas vidas (a

existência, as dificuldades, os sofrimentos etc.). Dessarte, acompanhando a multiplicação dos campos e subcampos especializados, busca-se privilegiar a pequena miséria, a de posição, que comparada à grande miséria do macrocosmo aparenta ser irreal. Essa abordagem confronta visões antagônicas, pontos de vista distantes que são, simultaneamente, próximos no espaço físico, tendo o efeito de substituir imagens unilaterais de lugares como a escola, por representações complexas, abandonando o ponto de vista único em proveito da pluralidade.

No exemplo da instituição escolar, Bourdieu e Champagne ([1993] 2012) iniciam contextualizando o cenário do sistema de ensino francês, transformado a partir dos anos 1950 pelo crescimento das oportunidades de acesso ao «jogo escolar». Esse fato permitiu que indivíduos antes excluídos ingressassem no sistema, intensificando a concorrência acadêmica e gerando novas maneiras de distinção por parte daqueles que já o frequentavam. Não obstante, a ampliação encobriu, sob a imagem de democratização, a manutenção da desigualdade dos retornos sociais associados à obtenção dos diplomas. Já a exclusão dos estudantes das classes populares assumiu um aspecto imperceptível, criando a categoria dos «fracassados relativos», os estudantes que se preparavam para um título desvalorizado – no caso em questão, refere-se principalmente ao de ensino secundário – e que eram marginalizados para ramificações menos prestigiosas e rentáveis. Na sequência desta contextualização teórica, Bourdieu ([1993] 2012b) discorre acerca do caso de Malik, um jovem de 19 anos, filho de imigrantes, frequentador de um liceu situado no subúrbio da região metropolitana parisiense. Antecedendo a transcrição da entrevista realizada, há um preâmbulo analítico que situa o ponto de vista do jovem dentro de suas condições de existência para que o público leitor possa compreender as razões e as necessidades pelas quais o discurso proferido é motivado.

Assim, Bourdieu ([1993] 2012b) torna compreensível a relação entre a inquietude de Malik e o seu cenário existencial instável, de mudanças incessantes de escola, de moradia e no âmbito familiar. Ao passo que mesmo estando em um liceu que é julgado por ele como insuficiente, a permanência na instituição escolar é uma forma de sobrevivência para distanciar-se do temor de trabalhar em um ambiente fabril. No caso seguinte, Sylvain Broccoli (1993] 2012) aborda a experiência de Claire, Muriel e Nadine, alunas de um liceu prestigioso no qual os níveis de seleção e exigência acadêmica são mais rigorosos. O preâmbulo da entrevista com as três jovens articula os relatos a respeito da hostilidade da instituição, em comparação com os colégios antes frequentados, com a queda de seus rendimentos escolares. Então, se a condição estudantil anterior é

descrita pela solidariedade e boa relação com os docentes graças aos seus desempenhos satisfatórios, a atual é marcada pela rejeição sofrida por aqueles que obtêm resultados insuficientes.

Já no texto subsequente, Broccolichi e Françoise Oeuvarard ([1993] 2012), em uma nova contextualização teórica, argumentam que a política de aumento das taxas de escolarização, dissociada do aprimoramento das condições educacionais para o atendimento das carências dos estudantes, acirra a concorrência e a hierarquia entre os estabelecimentos de ensino, concentrando em determinadas escolas a população rejeitada pelas instituições prestigiosas. Disso decorre a deterioração do trabalho docente e a inculpação e desmoralização dos professores, temáticas que são diferentemente presentes nos depoimentos dos educadores entrevistados, que relatam, em suas experiências, as consequências profissionais e pessoais deste cenário. É por intermédio destes estudos de caso, precedidos por introduções teóricas sobre a problemática e apresentados separadamente, que Bourdieu e seus coautores fornecem um agrupamento de visões contrastantes que abarca a pluralidade de pontos de vista situados no espaço da escola francesa do século passado. Portanto, o confronto das entrevistas de alunos e docentes, pela sua justaposição, evidencia experiências vividas que são, paralelamente, distantes e coexistentes. Entretanto, a despeito de *A miséria do mundo* oferecer uma alternativa à análise dos *situs*, ela não é a única obra, nem a primeira, em que as experiências dos agentes foram colocadas em uma perspectiva de confronto pela sociologia bourdieusiana.

Em *Os herdeiros*, publicada em 1964, Bourdieu e Passeron ([1964] 2018) enquadraram a relação dos estudantes universitários com a cultura como objeto de uma análise do privilégio cultural, reveladora das desigualdades sociais ocultas. Consoante Philippe Masson (2014), tal obra, inserida no contexto de início das políticas de expansão da escolarização, de debates públicos efervescentes tocantes à universidade e de militância ativa dos estudantes, contribuiu com o fortalecimento das vertentes que questionam o papel da instituição educacional na reprodução das desigualdades, presentes ao longo de todo o percurso das trajetórias acadêmicas. Ela também colaborou com a inserção de inovações metodológicas na sociologia francesa ao utilizar a categoria socioprofissional dos pais dos discentes como categoria de tratamento e análise de dados, tanto para calcular as chances de acesso ao ensino superior quanto para abordar a dimensão da prática do público estudantil.

Com isso, Bourdieu e Passeron ([1964] 2018), utilizando dados secundários, diagnosticam a baixa representação de indivíduos de origens sociais populares e sua menor probabilidade de ingresso em

contraposição aos filhos de quadros superiores que acumulam as taxas mais positivas. Para tratar da relação entre educação e cultura foram empreendidas entrevistas e enquetes com universitários de letras de Paris e da província francesa – esse recorte decorre da ponderação de que os respectivos cursos favorecem o exame do objeto proposto. A coleta de material empírico contou, por exemplo, com: questionários relativos ao lazer (o conhecimento de obras, o consumo etc.); uma «prova de vocabulário», baseada no discurso professoral, diagnóstica do domínio e da compreensão linguística; e a indagação da forma que os discentes reconhecem a vida acadêmica e se relacionam com os docentes.

Então, ao mobilizar dados primários e secundários, quantitativos e qualitativos, os autores combinam múltiplos recursos metodológicos, que vão da constatação do perfil dos laureados ao uso de indicadores mais objetivos (de tipo de residência, de origem dos recursos financeiros etc.), para entender as diferenças inerentes à condição estudantil. O que os leva a afirmar que mesmo que os discentes compartilhem a subordinação de seu futuro profissional à instituição universitária, eles não partilham experiências idênticas e coletivas: «divergindo de todo um conjunto de predisposições e de pré-saberes devidos ao seu meio, os estudantes são apenas formalmente iguais na aquisição da cultura erudita» (Bourdieu e Passeron, [1964] 2018, p. 29), estando separados pelos traços culturais de suas classes. Para os indivíduos de origem popular, a aquisição dos saberes escolares é um processo de aculturação, enquanto para os filhos das classes superiores é algo natural, porque esses saberes são a cultura de sua classe, uma herança familiar. «A universidade sempre prega aos convertidos» (Bourdieu e Passeron, [1964] 2018, p. 63), visto que a clientela para o qual ela se dirige aspira a vida intelectual e está familiarizada à experiência lúdica dos estudos, a apreender o real indireta e simbolicamente:

Assim, o grau de adesão ao jogo intelectual e aos valores que ele envolve nunca é independente da origem social. Em nome da «seriedade» dissimulam-se portanto duas maneiras de viver a condição estudantil. Uma é característica sobretudo dos estudantes de origem burguesa, que fazem de seus estudos uma experiência na qual não entram problemas mais sérios do que aqueles que eles introduzem. Outro exprime a inquietude do futuro própria dos estudantes vindos das camadas sociais mais distantes da cultura escolar e condenadas a vivê-la irrealmente (Bourdieu e Passeron, [1964] 2018, p. 74).

Logo, evidencia-se que a conduta esperada dos participantes do jogo universitário é a da intelectualidade desinteressada, vinculada a uma

experiência que faz da irrealidade a verdade real da condição estudantil e está no princípio dos parâmetros de avaliação, de orientação etc.: «estando rompida toda a relação racional com o futuro provável, o presente se torna o lugar de um onirismo que exclui a própria ideia de técnicas eficazes e de eficiência das técnicas» de aprendizagem (Bourdieu e Passeron, [1964] 2018, p. 86). Em contraposição, «forçados a um projeto profissional mais realista, os estudantes originários das classes baixas nunca podem abandonar-se completamente ao diletantismo», encarando os estudos como uma oportunidade de mobilidade social (Bourdieu e Passeron, [1964] 2018, p. 85). Neste sentido, os autores evocam, no início do livro, o caso da tribo Omaha, na qual o pertencimento ao grupo dos feiticeiros é dependente da capacidade visionária (mágica), um comportamento aparentemente democrático e acessível, mas que é guardado no âmago de certas famílias que transmitem, entre si, os detalhes de uma visão correta, constitutiva da experiência mística legítima. Instrumentalizando esse exemplo, eles sugerem um paralelo entre o modelo pedagógico das faculdades de letras e o de aprendiz de feiticeiro, denunciando a lógica da herança cultural, que relega os filhos das classes populares a uma experiência marginal da condição estudantil, definida pela irrealidade de um real inacessível.

Diante disso, observamos o exame das práticas e atitudes inerentes ao espaço da vida universitária mediante o confronto das experiências dos estudantes que constituem a cultura erudita com as daqueles que estão distantes dela – perspectiva que foi proveitosa para a pesquisa financiada pelo governo francês. Evidentemente, o empreendimento de *Os herdeiros* e de *A miséria do mundo*, lançada 29 anos após o primeiro, não almejavam fins similares, tanto por serem temporalmente distantes quanto pelo estágio de desenvolvimento da teoria de Bourdieu. Na publicação de 1964, o conceito de habitus sequer havia sido proposto formalmente, ao passo que, na de 1993, o referencial conceitual do autor já compunha um esquema teórico que estava sendo desdobrado para estudar o espaço dos pontos de vista por meio de uma abordagem qualitativa. Ao mesmo tempo, nota-se em ambas o uso da experiência vivida pelos agentes como um elemento de análise importante para uma sociologia que problematiza a relação entre as condições de produção das disposições e as suas condições práticas de funcionamento.

Se a teoria de Bourdieu, em sua fase mais avançada, estabelece um projeto científico para a pesquisa dos campos, ela também não esquece de aventar outros enquadramentos analíticos para aprofundar o conhecimento sobre os agentes num mundo estruturado. Nisso, a experiência é um objeto pertinente, dado que o *habitus* é o produto das

experiências constituídas socialmente. Por sua vez, a experiência é uma experientiação, uma confrontação experimental com as regularidades objetivas. Elas são o resultado de algo e resultam em algo, incorporando, sob a forma de disposições, o que foi vivido no percurso das ações e posicionamentos. As experiências não revelam, *per se*, a estrutura de um campo, mas informam as consequências cotidianas da vida em um espaço hierarquizado, de agentes cujas existências estão inscritas em microcosmos. Por conseguinte, ao revisitarmos a centralidade da noção de experiência para o conceito de *habitus* nas publicações de 1964 e 1993, podemos fomentar o debate de uma sociologia bourdieusiana da experiência em uma via com e outra para além de Bourdieu.

As experiências, em *A miséria do mundo*, são colocadas em confronto por um efeito de justaposição, conforme as entrevistas são analisadas isoladamente e organizadas em torno de problemáticas que aproximam pontos de vista antagônicos; enquanto em *Os herdeiros* elas são confrontadas diretamente pela constatação da intelectualidade desinteressada dos alunos das classes superiores e da inquietude dos de origem popular, tocante à condição estudantil. Dessarte, o livro de 1993, relativo à miséria de posição nos microcosmos sociais, seria o caminho com o autor francês para a investigação das experiências dentro de seu modelo teórico geral, enquanto no rastro de *A miséria do mundo* poderíamos mobilizar a obra de 1964 para suscitar possibilidades de ir além de Bourdieu, ou melhor, um caminho concomitantemente com e para além.

4. Uma sociologia bourdieusiana da experiência

Discutir uma agenda de pesquisa diversa acerca das experiências como parte da sociologia de Bourdieu é trabalhar com um projeto que não foi formalmente proposto por ele, dado que a constância e a potencialidade empírica dessa noção em sua obra são visíveis apenas pela regressão a empreendimentos distintos. Consequentemente, definir *Os herdeiros* e *A miséria do mundo* enquanto produtos de um mesmo programa investigativo seria impreciso. Porém, a segunda obra, ao reinseri-las como um objeto relevante, permite exercitar a recuperação da primeira para pensar a expansão dessa perspectiva, ou seja, uma abordagem que confronta as experiências ponderando a consolidação da teoria dos campos. Apesar de instrumentalizarmos uma obra do próprio autor para tanto, considera-se esse movimento como ir além de Bourdieu devido à proposição de uma sociologia bourdieusiana da experiência não restrita ao estabelecido no livro de 1993. Para explorar tal via, antes é preciso esclarecer e delimitar as afirmações de *A miséria do mundo*.

Soulié (2023) enfatiza que desde o princípio da referida pesquisa havia o planejamento de entrevistar pessoas em situação de sofrimento social, o que incluía de emigrantes gentrificadas à proprietários endividados. Também era ponderado ouvir agentes ocupantes de posições estratégicas (professores, sindicalistas etc.), praticantes de problemas sociais cujo conhecimento prático pudesse ser registrado. No decorrer do estudo a distinção entre os grupos foi extenuada, pois o segundo, imerso no sofrimento alheio, encontrava-se igualmente em uma situação de desconforto que era informada pelos relatos. Em virtude dos desafios impostos pela originalidade desse projeto, a equipe de colaboradores foi conduzida a uma inflexão metodológica, da qual decorre o entendimento da entrevista como um «exercício espiritual».

Nessa linha, Bourdieu ([1993] 2012c), ao tensionar o ideal de padronização dos procedimentos científicos, salienta a necessidade de uma postura reflexiva em todo o processo investigativo. Portanto, é preciso que o entrevistador atue sobre os efeitos intrínsecos à relação de pesquisa, considerando a distância social entre quem interroga e quem é interrogado. Deve-se oferecer uma situação de comunicação não violenta, livre de constrangimentos para que o entrevistado possa exprimir os seus mal-estares. Uma estratégia para isso é selecionar interlocutores com os quais os pesquisadores tenham proximidade, todavia, é sobretudo pelo conteúdo dos questionamentos que de fato se efetiva tal situação. A formulação das perguntas deve partir do exercício de se colocar em pensamento no lugar que o pesquisado ocupa no espaço social, dando-se:

Uma «compreensão genérica e genética» do que ele é, fundada no domínio (teórico ou prático) das condições sociais das quais ele é o produto: domínio das condições de existência e dos mecanismos sociais cujos efeitos são exercidos sobre o conjunto da categoria da qual eles fazem parte (as dos estudantes, dos operários, dos magistrados etc.) e domínio dos condicionamentos inseparavelmente psíquicos e sociais associados à sua posição e à sua trajetória particulares no espaço social (Bourdieu, [1993] 2012c, p. 699-700, grifo do autor).

Então, entrevistar é «uma forma de *exercício espiritual*, visando a obter [...] uma verdadeira *conversão do olhar* que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns» (Bourdieu, [1993] 2012c, p. 704, grifo do autor), para assim «entrar na singularidade da história de uma vida e tentar compreender ao mesmo tempo na sua unicidade e generalidade os dramas da existência» (Bourdieu, [1993] 2012c, p. 701). A real compreensão do que é dito pelo interlocutor somente é possível se «soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas,

entre sua trajetória e a estrutura» do espaço em questão, que nelas se exprime (Bourdieu, [1993] 2012c, p. 705). A respeito da transcrição dos depoimentos e de sua apresentação, Bourdieu afirma que ao transcrever, deve-se restituir a pronúncia, a entonação e toda a postura corporal do entrevistado. E no texto é preciso inserir títulos e subtítulos literais, retirados da conversação, que destaquem os traços sociológicos do discurso. Mas é principalmente pelo preâmbulo que se orienta o leitor a uma leitura compreensiva, capaz de reconstituir o ponto de vista da pessoa interrogada.

Frente ao exposto, identifica-se que em *A miséria do mundo* há a delimitação da posição dos agentes a serem entrevistados e de uma conduta de pesquisa na qual a problemática da entrevista é deduzida de uma representação verificada das condições sociais nas quais o interlocutor está situado, sem a elaboração de questionamentos padronizados; dessarte, a comparação dos relatos emerge apenas pelo efeito de justaposição. Embora o foco sejam as experiências individuais, não se desconsideram as relações de força características dos espaços sociais estruturados, incorporando o domínio prático dessas lógicas na construção e análise dos dados. Isto posto, um primeiro passo para discutir um enfoque alternativo ao do livro de 1993 é transpor a delimitação da miséria de posição, considerando o argumento de Bourdieu tocante à multiplicação das situações de desajuste entre as probabilidades objetivas e as expectativas, as quais engendram «relações com o tempo como [...] a impaciência [...], o lamento [...], o tédio ou o “descontentamento”» (Bourdieu, [1997] 2001, p. 256), associadas às incertezas, tensões e frustrações que abrangem cada vez mais o posicionamento dos agentes.

Em outras palavras, o sofrimento ordinário não seria algo exclusivo das pessoas em posições desfavorecidas, o que não significa que os habitantes de um microcosmos irão sofrer de maneira idêntica e pelas mesmas razões, visto que comumente suas experiências são indissociáveis das condições sociais das quais são o produto e nas quais estão situados. Os graus de dificuldade (maiores ou menores) enfrentados tendem a variar de acordo com a posição ocupada e a classe de condicionamentos exercidos sobre tal trajetória. Por conseguinte, ao entrevistarmos agentes que estão paralelamente próximos no espaço físico e distantes no que tange às condições de socialização, é possível confrontar visões antagônicas coexistentes, sugere-se que a inclusão daqueles que não estão colocados na pequena miséria favorece a ampliação do conhecimento relativo aos cenários de desajuste, bem como das diferentes formas de experimentar um mundo estruturado.

Nesse sentido, retomando a perspectiva de confronto presente em *Os herdeiros*, propõe-se um novo enquadramento de pesquisa, no qual adotar-se-ia uma conduta voltada à comparação direta das vivências de agentes de uma determinada categoria, como, por exemplo, a de estudantes que realizaram, em períodos similares, mestrado e doutorado em um curso *stricto sensu* de uma mesma instituição, partilhando o interesse pela carreira acadêmica e pela docência universitária. Tratar-se-ia de abordar pessoas que, inscritas em um certo microcosmo, são submetidas a circunstâncias regulares, almejando assimilar se suas condições sociais implicam experiências distintas. Para tanto, a entrevista seria desenvolvida em torno de tópicos norteadores, construídos a partir de uma compreensão genérica e genética dos entrevistados e da lógica em questão, levando em conta que «somente quando se apoia num conhecimento prévio das realidades que a pesquisa pode fazer surgir as realidades que ela deseja registrar» (Bourdieu, [1993] 2012c, p. 706). No caso exemplificado, a conversação suscitaria relatos acerca do processo seletivo de ingresso, da escrita do trabalho de qualificação, da obtenção da proficiência em idioma estrangeiro etc.

Desse modo, postula-se a elaboração de um roteiro de entrevista aberto enquanto recurso para remontar as práticas operadas nestas ocasiões comuns, que serão confrontadas pela análise. Logo, é crucial estabelecer uma comunicação não violenta na qual o interlocutor consiga manifestar os seus dramas existenciais e suas idiosincrasias, o que consiste em registrar o desenvolvimento da trajetória e não apenas acontecimentos isolados. Ao selecionar ocupantes de posições desfavorecidas e favorecidas, mobilizar-se-iam pontos de vista antagônicos para identificar as possíveis diferenças de vivenciar a condição estudantil. Mediante esse exame comparativo, revelar-se-iam convergências e divergências entre os posicionamentos, as estratégias e as percepções desses agentes que são produtos de condicionamentos opostos (quanto à origem social, gênero, raça etc.), e as preocupações, receios e sofrimentos desiguais que distinguem as experiências mais inquietas daquelas marcadas pelo diletantismo.

Ademais, posto que «as disposições atualizadas pelo corpo permanecem despercebidas enquanto não se convertem em ato» (Bourdieu, [1997] 2001, p. 169-170) e que os *habitus* podem se «defrontar, em inúmeros casos, com condições de atualização diferentes daquelas em que foram produzidos» (Bourdieu, [1997] 2001, p. 196), estima-se que a remontagem da dimensão prática das trajetórias permitirá assimilar formas de atualização e/ou operação desajustada das disposições, cristalizadas pela tradução da socialização em ação e que são parte constitutiva das

experiências. Em síntese, este enfoque trata de abordar pessoas imersas em uma «*illusio* coletiva, ou seja, nessa espécie de crença coletiva que é a fundamentação real de um campo» (Bourdieu, 2023, p. 118), cujo interesse as leva a investir nesse jogo. Com isso, objetiva-se explorar a pluralidade de visões coexistentes que são por vezes diretamente concorrentes, revelando diferentes desconcertos, defasagens e contradições que residem na singularidade de cada vivência e que oportunizam analisar a proximidade e/ou a distância entre as experiências.

Destarte, ao estimular este debate buscamos evidenciar a potencialidade empírica da referida noção, presente não somente nas formulações teóricas de Bourdieu e em suas sugestões de agenda investigativa – vide a de «uma fenomenologia diferencial das experiências sociais do mundo a partir da ideia de que a lei do ajuste das esperanças às chances produzirá, dependendo da natureza dessas esperanças, experiências diferentes do mundo» (Bourdieu, 2021, p. 176). Considerando a sua importância em *A miséria do mundo*, definimos o projeto voltado à compreensão da pequena miséria enquanto um caminho com o autor francês para pesquisar as experiências individuais, demonstrando que a consolidação da teoria dos campos não exclui outros enquadramentos de pesquisa. Já ao exercitar a recuperação de *Os herdeiros*, discutimos a expansão dessa perspectiva, sugerindo uma via para além de Bourdieu. Embora tal alternativa careça de maiores elaborações, acredita-se que este exercício pode contribuir com o fomento de uma sociologia bourdieusiana da experiência capaz de abranger os múltiplos sofrimentos ordinários que escapam do escopo de uma análise dos *situs*, como também assimilar as diferentes experiências de agentes, de uma mesma categoria, inscritos em microcosmos específicos. Portanto, apresentamos uma linha de investigação não restrita ao delimitado na obra de 1993, com os seus horizontes de utilização ampliados.

5. Conclusões

Com este artigo não procuramos desvalidar os argumentos que tensionam a teoria dos campos, mas sim colaborar com essas interpretações críticas por intermédio de uma leitura heurística do trabalho de Bourdieu. Ao discorrer acerca de *A miséria do mundo*, ressaltamos que ela se afasta das lutas em torno da hierarquia dos critérios de classificação. De maneira que Bourdieu ([1993] 2012b), por exemplo, no caso de Malik, pondera a vida fora do universo escolar e o trânsito em diferentes espaços, em um projeto compreensivo que abrange a pluralidade das experiências. Apesar de essa obra se distanciar dos procedimentos de codificação, a objetivação dos agentes é indispensável, pois as experiências são situadas

em condições objetivas de existência. Em contrapartida, o enfoque inspirado em *Os herdeiros* demanda algum conhecimento sobre as lógicas específicas e o que nelas está posto em jogo.

De modo geral, se em parte dos debates essa noção aparece sobretudo no plano teórico, aqui enfatizamos a sua relevância empírica. Ao fomentar uma sociologia bourdieusiana da experiência, exploramos o entendimento de que os indivíduos, ao realizarem os seus percursos, entram em contato com as regularidades objetivas do mundo, gerando e acumulando experiências que são incorporadas pelo *habitus* sob a forma de disposições. Então, as trajetórias nos permitem enxergar, nas ações, percepções e posicionamentos, a experiência vivida em uma realidade estruturada, dado que ao transitar pelos microcosmos o agente faz o espaço e é feito por ele, carregando em sua biografia a estrutura das relações objetivas. À guisa de conclusão, salientamos que este texto está longe da ambição de encerrar qualquer discussão, pelo contrário, espera-se que ele possa contribuir com novas problematizações acerca da potencialidade e das delimitações da perspectiva teórica de Bourdieu.

Contribución de autoría

Wesley Daniel Bueno Moraes participó en todas las funciones CRediT.

Fuente de financiamiento

Autofinanciado.

Potenciales conflictos de interés

Ninguno.

Agradecimientos

Este texto refleja una serie de intercambios de conocimiento que se han producido desde 2019 en diferentes espacios y redes de colaboración. Como resultado, quisiera agradecer a cinco personas que fueron fundamentales en este proceso: Bernardo Caprara (UFRGS), Enio Passiani (UFRGS), Camila Penna (UFRGS), Rodrigo Bordignon (Universidade Federal de Santa Catarina) y Fábio Ribeiro (traductor de la colección *Sociologia geral*, el curso de Bourdieu en el Collège de France de 1980 a 1985, publicada en Brasil por la Editora Vozes). También me gustaría agradecer a mis colegas de Gecca-Sul.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Alves, A. (2016). Dos *habitus* de classe aos patrimônios individuais de disposições: Reflexões sobre a prática em Pierre Bourdieu e Bernard Lahire. *Sociologias*, 18(42), 294-327. <https://doi.org/10.1590/15174522-018004213>
- Bourdieu, P. ([1997] 2001). *Meditações pascalianas*. (S. Miceli, trad.). Bertrand Brasil.
- Bourdieu, P. ([1993] 2012a). O espaço dos pontos de vista. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 11-13). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). Vozes.
- Bourdieu, P. ([1993] 2012b). Ah! os belos dias. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 487-504). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). (9.ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P. ([1993] 2012c). Compreender. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 693-713). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). (9.ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P. (2013). *O senso prático*. (M. Ferreira, trad.). (3.ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P. ([1984] 2019). *Homo academicus*. (I. R. Valle y N. Valle, trads.). (2.ª ed.). Editora da UFSC.
- Bourdieu, P. (2021). *Sociologia geral, vol. 2: Habitus e campo: Curso no Collège de France (1982-1983)*. (F. Ribeiro, Trad. Português). Vozes.
- Bourdieu, P. (2023). *Sociologia geral, vol. 4: Princípios de visão: Curso no Collège de France (1984-1985)*. (F. Ribeiro, Trad. Português). Vozes.
- Bourdieu, P. y Champagne, P. ([1993] 2012). Os excluídos do interior. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 481-486). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). (9.ª ed.). Vozes.
- Bourdieu, P., y Passeron, J.-C. ([1964] 2018). *Os herdeiros: Os estudantes e a cultura*. (I. R. Valle y N. Valle, trads.). (2.ª ed.). Editora da UFSC.
- Brandão, Z. (2010). Operando com conceitos: Com e para além de Bourdieu. *Educação e Pesquisa*, 36(1), 227-241. <https://doi.org/10.1590/S1517-97022010000100003>
- Broccolichi, S. ([1993] 2012). Um paraíso perdido. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 505-522). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). (9.ª ed.). Vozes.
- Broccolichi, S. y Oeuvarard, F. ([1993] 2012). A engrenagem. En P. Bourdieu (org.), *A miséria do mundo* (pp. 523-532). (M. Azevedo, J. Clasen, S. Guimarães, M. Penchel, G. Teixeira y J. Vargas, trads.). (9.ª ed.). Vozes.
- Corcuff, P. (2003). *Bourdieu autrement. Fragilités d'un sociologue de combat*. Textuel.

Corcuff, P. (2017). O coletivo ante o desafio do singular: Falando sobre habitus. En R. Visser y L. Junqueira (orgs.), *Dossiê Bernard Lahire* (pp. 169-200). (1.ª ed.). Editora da UFMG.

Fabiani, J.-L. (2016). *Pierre Bourdieu: Un structuralisme héroïque*. Éditions du Seuil.

Lahire, B. (2017). Os limites do conceito de campo. En J. Souza y U. Bittlingmayer (orgs.), *Dôssie Pierre Bourdieu* (pp. 29-80). (1.ª ed.). Editora da UFMG.

Lebaron, F. (2009). How Bourdieu «Quantified» Bourdieu: The geometric modelling of data. En K. Robson y C. Sanders (orgs.), *Quantifying Theory: Pierre Bourdieu* (pp. 11-29). Springer. <https://doi.org/10.1007/978-1-4020-9450-7>

Masson, P. (2014). Retorno sobre *Os herdeiros* de Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. *Revista Linhas*, 15(29), 92-111. <https://doi.org/10.5965/1984723815292014092>

Miraldi, J. (2022). Limites da teoria dos campos: Tensões em sua autonomia relativa. *Educação e Pesquisa*, 48, e254991. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202248254991por>

Nogueira, M. A. y Resende, T. (2022). Com e para além de Bourdieu: Revisiting duas teses centrais. *Educação & Sociedade*, 43, e268712. <https://doi.org/10.1590/ES.268712>

Peters, G. (2013). Habitus, reflexividade e neo-objetivismo na teoria da prática de Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 28(83), 47-71. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092013000300004>

Saint Martin, M. de. (2022). A noção de campo em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Sociologia*, 10(26), 222-235. <https://doi.org/10.20336/rbs.910>

Soulié, C. (2023). A miséria do mundo: Testemunho de um estudante pesquisador. *Revista Inter-Ação*, 48(2), 282-306. <https://doi.org/10.5216/ia.v48i2.77132>

Wesley Daniel Bueno Moraes es estudiante de maestría en Sociología en la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS). Miembro del consejo editorial de la revista *Sociologias* (PPGS/UFRGS), del Grupo de Estudios sobre Cultura, Comunicación y Arte-Sur (GECCA-Sul/CNPq) y de Sociolo-giartesanal (Colectivo de Investigación, Enseñanza y Extensión en Socio-logía y Educación [UFRGS/CNPq])

Recepción: 28/4/2025
Aceptación: 17/6/2025